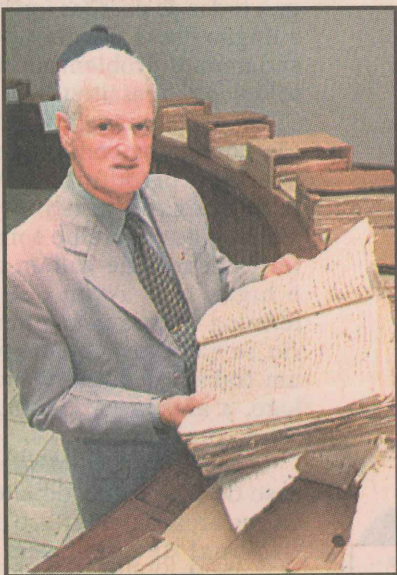


Um mergulho no passado

24 de fev. - 1903 - p. 14

AJ07860

Ricardo Medeiros



RELÍQUIAS

Diretor do Fórum de Aracruz, o juiz Tasso Lugon destaca o valor histórico dos documentos

Inventários de 1800, descobertos em Aracruz, mostram como negros eram doados em processos de herança

MÁRCIO CASTILHO

Negro alto, forte e no auge da capacidade produtiva, o escravo Estevão era uma moeda cara na segunda metade do século XIX. Foi avaliado em mil e oitocentos contos de réis, o equivalente a 18 bois ou quase a metade do valor médio de uma propriedade da época. Estevão tinha 26 anos quando foi incluído no inventário de um antigo fazendeiro da região de Santa Cruz. O documento data de 1878 e mostra que seres humanos, assim como propriedades, ouro e outros bens materiais, também se herdavam no Brasil colonial.

Outras centenas de inventários, que formam um verdadeiro tesouro histórico, foram descobertos num canto de arquivo do Fórum de Aracruz. Cada página reconstitui detalhes da colonização do Espírito Santo, desde 1800

até os dias atuais. O farto material de pesquisa surpreende pelo excelente estado de conservação. Muitas informações não estão registradas nos livros de história.

O escravo entrava na lista de herança como bem material se-movente, o segundo na escala de valores, perdendo apenas para os bens de raiz, como a casa ou o terreno. Algumas expressões contidas nos inventários caíram em desuso. A propriedade, por exemplo, era medida em côvados, uma antiga unidade de comprimento equivalente a três palmos.

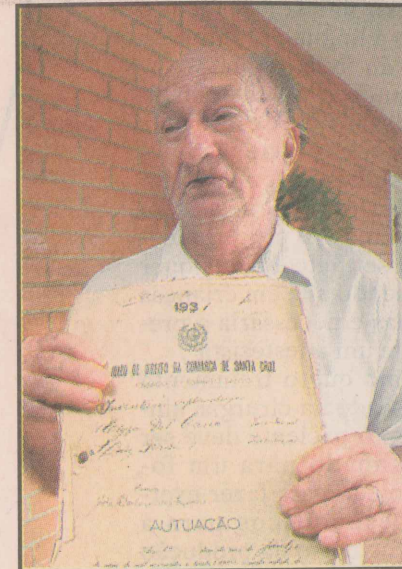
Mutirão

O diretor do Fórum de Aracruz, Tasso Lugon, coordenou o mutirão de juízes que descobriu essa fortuna documental. Segundo ele, existem mais de mil processos de 150 anos envolvendo

moradores de Fundão, Ibirapu, Santa Teresa e Aracruz, atendidos pela antiga comarca de Santa Cruz. Até o nome oficial do país era outro: República dos Estados Unidos do Brasil.

“Os documentos têm um valor histórico imensurável. Eles registram os costumes da época, os valores de escravos, os tipos de papel e escrita utilizados e a trajetória dos primeiros colonizadores”.

Lugon descobriu, por exemplo, que a região predominantemente povoada por imigrantes italianos também teve como primeiros habitantes portugueses e espanhóis. Constan nos primeiros inventários os sobrenomes Carvalho, Simões, Martins e Castro. As escrituras de terra eram escritas com bico-de-pena. Outra curiosidade era o uso do selo, que autenticava as folhas do inventário, substituindo os carimbos.



RESGATE

Eugênio Terci, 82 anos, folheou pela primeira vez o inventário do pai, Luiz Terci, falecido em 1931.

Talheres e mulas no testamento

A lista de bens relacionados nos processos de herança do passado está repleta de curiosidades. O indivíduo provinciano sem um grande patrimônio deixava para seus sucessores objetos pessoais, que não entrariam hoje nem mesmo em

processos de separação de bens. Colher de chá, garfos, chocolateira e até correntes de escravo apareciam nos inventários do século XIX descobertos no Fórum de Aracruz.

Nos arquivos consultados pela reportagem de A GAZETA, também constam várias espécies de animais e produtos agrícolas. A relação de bens incluía mulas e plantações inteiras, como “cinco alqueires de milho”.

Alunos de História da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) já descobriram a riqueza dos documentos, especialmente os relacionados ao imigrante Pedro Tabachi. Um inventário de 1874 ajuda a construir a história de Santa Teresa.

A colonização do município começou em 1875, com a vinda de imigrantes italianos, trazidos pela expedição Tabachi. Dois anos depois começaram a chegar também os alemães, os suíços e os poloneses. Mas foi a coloniza-

ção italiana que influenciou os costumes, o folclore e a arquitetura da região.

A família do imigrante Eugênio Terci, 82 anos, chegou ao Espírito Santo há quase um século. O italiano teve um reencontro com o passado, na última quinta-feira, ao folhear pela primeira vez o inventário do pai, Luiz Terci, falecido em 1931. O documento estava no Fórum de Aracruz, preservado como uma verdadeira relíquia.

“Ele nos deixou o terreno em Córrego D’água, a 22 quilômetros do Centro de Aracruz. Minha mãe teve que cuidar dos oito filhos”, lembra Eugênio.

Integrante de outra família tradicional em Aracruz, Artêmio Modenesi, conta que havia apenas cinco casas e uma igreja quando o pai, Giovanne Modenesi, resolveu se estabelecer na região, logo depois da Segunda Guerra Mundial, em 1945.

“Começamos com uma serraria, que pro-

moveu o progresso do município”.

A saga dos Modenesi será contada agora em livro. O acervo histórico recém-descoberto no Fórum de Aracruz certamente facilitará a vida dos autores.

TRANSFERÊNCIA

Acervo na Casa da Cultura

As escrituras, inventários e outros processos dos dois últimos séculos serão transferidos para a Casa da Cultura de Aracruz, estando, em breve, disponíveis para consulta. Os juízes agora trabalham para descobrir um outro tesouro documental, porque o Fórum de Aracruz também preservou os processos criminais de 150 anos atrás. Segundo o diretor do fórum, Tasso Lugon, o trabalho dos escrivães deve ser valorizado. “Os documentos poderiam ter sido incinerados, pois perdem o valor jurídico depois de 20 anos”. A secretária de Ação Social de Aracruz, Denise Wanick Gonçalves, pretende estabelecer um convênio com a Ufes para que profissionais orientem a melhor forma de manuseio e conservação dos processos.

